



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CONTRA AS MEGA NARRATIVAS, A MEMÓRIA COLETIVA INSUBMISSA

Nilton José dos Reis Rocha

niltin.rocha@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Ludmila Pereira Almeida

ludjornalismo@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Jéssica Estély Chiareli Nazareth

jessicaestely@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O que seria, de fato, essa gente cerradeira ou *homo/mulier cerratensis* e que lugar ocupam na memória coletiva do país, para além das grandes narrativas, bem construídas (Lander, 2005) pelas elites, crioulas inclusive, em cada época? Longe da melancolia devastadora de *tristes tropiques*, que aprisionou, de certo modo, as leituras e diálogos com esses povos, a exemplo dos Bororos, uma sociedade matrilinea. Produção recente, no entanto, aponta um rico espaço por onde transitam povos, às dezenas, que construíram uma civilização da reciprocidade (Ribeiro, 2005), com o homem e natureza, e co-evoluíram com os seus ecossistemas (Porto-Gonçalves, 2009), nos cerrados centrais do que hoje se denomina Brasil. Uma narrativa decolonial trará os passos e o pensar dessa gente e, nela, incluirá a sua recusa a todo tipo de submissão; nem senhor e nem escravo/as. Lugar de recusas e fugas, a que o colonizador, ontem, e o agronegócio, hoje, chamam de *desertum* ou desertor, ou, simplesmente, sertão vazio. Onde se constituíram e sobrevivem o imaginário social e todas as memórias de rebeldia, bem querência e insubmissão que povoam o presente/futuro dos movimentos sociais populares, na cidade e no campo. Afinal, quem falará em nome desse passado *indio* (Chakrabarty, 1999), com mais clareza, se não a memória coletiva dessas/es mulheres e homens simples (Martins, 2004), talhada também na história mais longínqua, iniciada há 18 mil anos, mas da qual, nós, cerradeiros, somos, na realidade, uns dos herdeiros?

Palavras chave

Gente cerradeira; Memória e insubmissão; Gente simples.

RESUMEN

Lo que sería, de hecho, la gente cerradeira o *homo/mulier cerratensis* y qué lugar ocupan en la memoria colectiva del país, además de las grandes narrativas, bien construidas (Lander, 2005) por las elites, criollas incluso, en cada época? Lejos de la melancolía devastadora de *tristes tropiques* que aprisionó, de cierta manera, las lecturas y diálogos con esos pueblos, a ejemplo de los Bororos, una sociedad matrilineal. Producciones recientes, por otro lado, señalan un rico espacio por donde transitan los pueblos, a las decenas, que construyeron una civilización de la reciprocidad (Ribeiro, 2005), con el hombre e la naturaleza, e han evolucionado juntos con sus ecosistemas (Porto-Gonçalves, 2009), en los cerrados centrales de lo que hoy si denomina Brasil. Una narrativa decolonial traerá los pasos y lo que pensar de esta gente, incluso a su recusa a todo el tipo de sumisión, ni señor, ni esclavo. Sitio de recusas y huidas, a que el colonizador, ayer, e el agronegocio hoy, llaman *desertum* o desertor, o simplemente, *sertão vazio*. Donde si construyeron y sobreviven el imaginario social y todas las memorias de rebeldía, bien-querer y insumisión que pueblan el presente/futuro de los



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

movimientos sociales populares, en la ciudad y el campo. ¿En definitiva, quien hablará en nombre de este pasado indio (Chakrabarty, 1999), con más clareza, si no la memoria colectiva de esas mujeres e esos hombres simples (Martins, 2004), así como en la historia más antigua, empezada hace 18 mil años, más de la cual, nosotros, cerradeiros, somos, en realidad, unos de los herederos?

Palabras clave

Personas ‘cerradas’; Memoria e insumisión; Gente sencilla.

Apresentação

“É assim tão simples? Pensei que fosse mais complicado”. A afirmação de uma professora do ensino fundamental, após uma oficina de blog em parceria com o coletivo multimeios Magnífica Mundi resume a crise profunda na qual mergulha o jornalismo desde a popularização da internet e tecnologias da comunicação.

As “verdades” das narrativas e até mesmo as narrativas em si deixaram de ser exclusivas de jornalistas, e, em um movimento de retomada do direito a contar as próprias histórias, movimentos e grupos sociais reivindicam a partilha do conhecimento tecnológico do fazer comunicacional.

Reunimos neste trabalho alguns passos coletivos dados ao longo de 18 anos de atuação do coletivo Magnífica Mundi como maneira de refletir sobre a insubmissão de memórias coletivas contra as mega narrativas. De antemão é importante ressaltar que essas leituras são feitas a partir de um caminho teórico e prático que costumamos chamar comunicação compartilhada.

O objetivo deste diálogo proposto é discutir e problematizar práticas comunicacionais de re-existência de grupos oprimidos/subalternizados no Cerrado. Tendo como partida a crítica à epistemologia eurocêntrica da colonialidade do poder/saber/subjetividade (WALSH, 2009; QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2003) que institui quem pode ou não ter e existir.

Tendo o campo da comunicação como uma ponte, um espaço de diálogos e de encontro de epistemologias pelo ato de compartilhar, que é uma prática desobediente à norma, propõe-se também um percurso das relações sociais, da ação da subjetividade, e das trocas e experiência vivida.

Discussão

Os passos do coletivo Magnífica Mundi vêm de longe e seguem o percurso de embate à estrutura social da normalidade, que estabelece as práticas de colonialidade como a regra constante à dita civilização moderna. Tal ideal - que remete ao marco da colonização das américas e a consequente violência autorizada em nome de uma verdade eurocêntrica - se perpetua nas relações cotidianas, principalmente no campo da comunicação midiática, instrumento de poder controlada pelo dominante.

Uma das primeiras cisões civilizatórias, segundo Lander (2005), foi entre a Humanidade e a Natureza. Ao propor esse rompimento, a colonialidade (MIGNOLO, 2003) extermina visões de mundo diferentes e homogeneiza as formas de vida a partir de conversões múltiplas do saber, em que a verdade, a ciência, a língua e a cultura legítima só poderiam ser as dos colonizadores. Isso também impacta na construção das memórias e de como a história oficial passa a ser conhecida, já que o domínio da escrita e da linguagem silencia outras diversas narrativas orais, corporais e gráficas.

Mignolo (2010) sugere que a matriz colonial do poder "é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados" (p.12), como se pode observar na Imagem 1, abaixo:

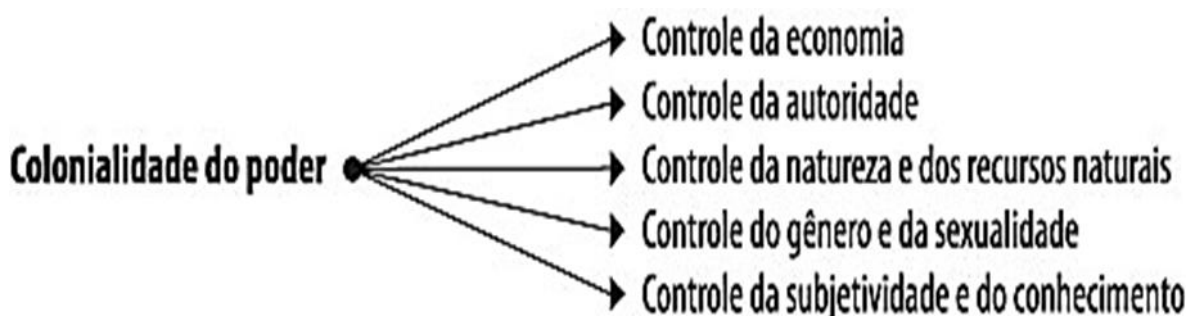




Imagem 1. Matriz colonial do poder.

Diante disso, transgredir esse padrão moderno/colonial se torna ato de decolonialidade, em que se critica o modelo euro-anglo-ocidental de cidadania e de agência de sujeito. Ao apontarmos esse discurso colonial, que enraíza a noção do que é válido, percebemos que há um entrelaçamento também à noção de comunicação e do quanto ela se torna uma forte arma na mão do dominante para saquear os saberes populares e impedir a pluralidade de visibilidades.

Nesse sentido, decolonizar é um processo que envolve, segundo Walsh (2009), transcender a colonialidade, a violência epistêmica da modernidade e de seu padrão mundial de poder que continuam se ritualizando em nossas ações cotidianas. É um posicionamento não de simples superação do colonialismo, mas de uso de ferramentas políticas-epistemológicas para a construção de relações sociais pautadas na superação das opressões da modernidade/colonialidade/globalização/Estado e de estruturas que configuram uma ideia geopolítica mundial desigual. Questionando, assim, a naturalidade da organização social como sendo um ato histórico de repetições opressivas.

Por isso, ao adotarmos a prática compartilhada da comunicação pretendemos ir não só contra aos atos da colonialidade, mas também articular maneiras outras de potencializar as histórias silenciadas, que estão à margem. É um ato de superar o egoísmo e a centralidade do poder, e buscar junto aos povos produções que tragam suas formas de ser junto a produção política democrática, em especial, no processo de produção jornalística. Ao visar uma comunicação compartilhada a prática jornalística passa a se instrumentalizar pelo popular para se tornar pauta do debate comunitário resultando na troca compartilhada de conhecimento.

E ao voltarmos para a comunicação em espaço camponês, zona rural e de movimento social, outras necessidades vem à tona como a reforma do ar. A luta pela



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

democracia da comunicação ocorre também em zonas rurais, muitas vezes, vista como um território de atraso, primitivo e arcaico. Mais uma das ideias cultivadas pelo mito da cidade como a civilização moderna, que não é para todos, e extermina fisicamente e simbolicamente quem não se adequa ao seu ritmo.

Além disso, é no campo que percebemos o uso criativo e militante das tecnologias na construção de memórias e consolidação de lutas coletivas. Ressaltando, então, as identidades e as bandeiras de luta dos movimentos sociais que lutam não apenas por direitos próprios, mas por questões fundamentais ao ser humano: terra, casa, alimento, renda, enfim, pela vida.

Outra extensão da colonialidade do poder é o domínio do território por meio dos grandes latifúndios. Isso se torna também uma discussão da comunicação, e do jornalismo, ao ser a comunicação uma área dominada por poucos e esses pertencem à elite, ao padrão corporal aceito, e ainda são os mesmos que controlam os latifúndios físicos, as terras, como forma de cultivo de monoculturas para o lucro rápido face a destruição irrevogável dos nutrientes do solo.

Daí, talvez, a imensa ambiguidade da imprensa em relatar os fatos: editoriais e jornalistas concordam que a violência é o caminho natural para a defesa da propriedade e, ao mesmo tempo, condenam a prática e o clima de violência existente, e associam o agravamento da violência tão-somente a multiplicação das ocupações de terra. Ressaltam a desqualificação dos trabalhadores rurais sem-terra, mas retratam a força política das ocupações – apesar de considerá-las ilegais. Reconhecem os trabalhadores sem-terra como sujeitos políticos com reivindicações próprias, contudo, estão sempre a procura de um mentor, de um “agente externo” que estaria “por trás de tudo isso”. Exacerbam e, de certa forma, dignificam o “poder de fogo” dos grandes proprietários de terra, porém expõem, não sem um olhar crítico, o retrato do atraso e a crueldade da violência (BRUNO, 2009, p.99).

Assim, o egoísmo impregnado à ideia de colonialidade do poder fortalece dados como o do Atlas da Terra Brasil 2015, feito pelo CNPq/USP, em que cerca de 175 milhões de hectares no Brasil são improdutivos, os minifúndios caíram de 8,2% para 7,8% da área total de imóveis; as pequenas propriedades, de 15,6% para 14,7%; e as



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

médias, de 20% para 17,9%. As grandes propriedades privadas e públicas foram de 56,1% para 59,6% da área total.

E ainda, segundo Talga Mainieri (2016) a grande maioria dos grandes conglomerados midiáticos estão diretamente ligados as megacorporações transnacionais fabricantes de agrotóxicos e a políticos ligados à bancada ruralista. Dados de 2013 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que desde 2008 o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo, consumindo anualmente cerca de 1,05 bilhões de litros de veneno pelas lavouras.

Portanto, o ato de caminhar e produzir junto, especialmente, aos movimentos sociais proporcionam outra maneira de perceber que as subjetividades e os grupos sociais que partem de uma multiplicidade de movimentos, experiências e trajetórias que contradizem a forma de se fazer ciência social tradicional e comunicação. Traçando rupturas com a violência simbólica colonial que exclui e separa quem pode falar ou não, unindo forças para romper com as hierarquias da diferença e das polaridade universidade/campo, intelectuais/não-intelectuais.

Nesse processo compartilhado o exercício da escutadoria (BRUM, 2017) se torna fundamental para potencializar a fala de sujeitos camponeses tidos como marginalizados, inclusive adolescentes e crianças, constituindo uma caminhada em conjunto ao conhecimento.

Se posicionar contra as megas narrativas a partir da memória coletiva insubmissa que não tem espaço de protagonismo na história oficial e na mídia, retoma a necessidade de se olhar para as subjetividades junto a natureza. Esse ato decolonial, no qual temos o Movimento Sem Terra (MST) no Brasil como um dos precursores contraria os latifúndios do saber e do poder em prol do cultivo da terra e suas múltiplas possibilidades de conexão com a vida. E partindo da ideia de que somos seres do cerrado e de que, nos autores, falamos a partir e com esse lugar, não se torna conveniente apenas dizermos que somos cidadãos, mas sim cerradanicos, somos parte de uma cerradania. Além disso, o segundo maior território do MST, originado a partir



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de uma luta de mais de 10 anos, se localiza no cerrado, o Assentamento Oziel Alves Pereira, Baliza - Goiás.

A América Central e a Amazônia constituem-se na mais extensa área do planeta em termos de diversidade biológica. No caso dessas duas regiões nos encontramos diante de um enorme patrimônio de diversidade biológica e de paisagens tecidas por uma longa história de convivência de diferentes povos com a natureza. Sem dúvida os povos que aí habitam bem que mereciam uma vida mais digna, sobretudo com respeito às suas matrizes de racionalidade que foram capazes de se desenvolver com e não contra essa natureza. [...] E por isso que a região do sul do México e da América Central abrigam uma das maiores diversidades socio-culturais do planeta, a conferir pelo número de línguas ali faladas sendo que, em alguns lugares, sequer o espanhol ainda hoje é pronunciado depois de 500 anos (PORTO-GONÇALVES, 2002, p.8)

A diversidade da natureza constituída em co-progresso com a humanidade, especialmente, desses locais cerradânicos se torna instrumento para repensarmos as práticas de comunicação excludentes, que focam apenas no capital. Ao optarmos por uma comunicação-jornalismo compartilhados não estamos apenas direcionando para uma transmissão de informações, mas é uma construção contínua de redes de saberes populares que rompem as zonas fronteiriças do egoísmo que invade nosso conhecimento sobre o mundo. É perceber que outras vidas e outras formas de humanidade existem e devem ser vistas. É perceber que necessitamos sair da zona de conforto e nos rebelamos contra a violência da colonialidade, usando da criatividade junto as tecnologias disponíveis e, assim, potencializar outra alternativa de mídia, outra alternativa de construir memórias a partir da insubmissão.

Conclusão

Comunicar é muito além que transmitir, é uma ação de configuração e fazer memórias, fazer pontes, fazer imaginários e, por isso, precisa ser usado nessas dimensões também por aqueles que são apagados das representações midiáticas e nomeados como inferiores. Diante disso, ao ter contato com outra realidade percebemos, conforme nossas conversas com os assentados, que o campo é um lugar de inclusão, enquanto a cidade exclui e produz pessoas individualistas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Muitas pessoas que se encontram no campo viviam na cidade, mas com a violência, com a falta de empregos, de qualidade de vida e com todos os padrões impostos sobre quem pode viver na cidade, devendo inclusive ser “alfabetizado”, muitos decidiram migrar para o campo em busca da terra que é de seu direito. Com isso, entender essas dinâmicas faz com que o jornalista possa relacionar conhecimentos locais como componentes das estruturas globais, em que o que acontece aqui é repercutido em vários outros espaços e vice-versa.

É pensar em rede de forma que as tecnologias sejam usadas para o povo, que as informações sejam para informar e não formar pessoas a um tipo de pensamento e que os jornalistas trabalhem para o povo e com o povo em que um contribui na formação do outro. Por isso, ao nos posicionarmos diante de práticas discursivas discriminatórias na comunicação, trazemos um olhar etnográfico que proporcione “uma consciência maior dessas possibilidades de politizar o espaço discursivo que se abre constantemente a cada vez que nos atrevemos a intervir como sujeitos na cadeia representacional” e a possibilitar que outros sujeitos também se posicionem.

Referências

BRUNO, Regina. (2009) **Um Brasil Ambivalente**: agronegócio, ruralismo e relações de poder. (et al.). Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR.

GROSFOGUEL, Ramón. (2007) **The epistemic decolonial turn: beyond political-economy paradigms**. Cultural studies, v. 21, n. 2-3, mar./mai, p. 211-223.

MIGNOLO, Walter. (2003) **Histórias locais/Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG. p. 297-339.



PORTO-GONÇALVES, C. W. (2002) O latifúndio genético e a r-existência indígena-campesina. *Geographia*, Rio de Janeiro, ano IV, n.8, p.39-60..

_____. (2010) **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo.

QUIJANO, Aníbal. (2000) "Colonialidad del poder y clasificación social". *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. (2005) In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Trad.: Julio Cesar Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso, p. 107.

TALGA, Dagmar Olmo; MAINIERI, Tiago. (2016). **Dose diária de veneno midiático: a grande mídia e as relações com os agrotóxicos**. Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.